A INFLUÊNCIA DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS NA DINÂMICA SÓCIO-ESPACIAL DE PEQUENOS MUNICÍPIOS[1]

EJE TEMÁTICO: 5. DINÁMICA DE LOS ESPACIOS RURALES.

Ana Leticia de Oliveira[2]
Vera Maria Favila Miorin[3]

O estudo tem como escopo o entendimento das dinâmicas que os complexos agroindustriais estimulam nas espacialidades onde estão inseridas, promovendo fluxos de capital, modificando os sistemas de produção e de circulação das mercadorias. O reconhecimento das dinâmicas permite alcançar a dimensão da inserção do agroindustrial no contexto do crescimento e no progresso socioeconômico das espacialidades locais, de modo a revelar as relações e seus fluxos que permeiam a cadeia produtiva, principalmente, se tratando da produção de matéria-prima necessária ao processo agroindustrial. A relevância do estudo consiste na forma metodológica de investigação dos estabelecimentos em escala horizontal e vertical de suas relações e inter-relações existentes de ordem agropecuária, agroindústria, econômica, política, social, espacial e histórica, se considerando como referencial empírico o pequeno município de Três Passos, Rio Grande do Sul, Brasil. O estudo assume importância por analisar complexos agroindustriais na estruturação sócio-espacial de pequenas localidades. Para o desenvolvimento da investigação utiliza-se a metodologia sistêmica objetivando compreender uma realidade constituída por relações de produção complexas.
Palavras-chave: Complexos agroindustriais; Organização espacial; Pequenos municípios.

INTRODUÇÃO

A visão mundializada da economia se completa através de transações de volumoso capital, de produção e de tecnologias, que afetam diretamente as estruturas sociais, econômicas e ambientais locais, modificando o patrimônio principalmente dos países emergentes que apresentam possibilidades favoráveis aos investimentos e interferência do grande capital. Exemplo da influência deste sistema econômico sobre o local se detecta pela instalação dos complexos

---

[1] Estudo desenvolvido no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências/UFSM - RS/Brasil.
[2] Bacharel em Geografia, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências/UFSM – RS/Brasil. E-mail: analeticia_geo@yahoo.com.br
[3] Doutora em Geografia, docente/pesquisadora do Departamento de Geociências/UFSM - RS/Brasil. E-mail: vmiorin.sma@terra.com.br

agroindustriais (CAIs) em municípios de pequeno e médio porte e tendem a modificar a estrutura socioeconômica local, transformando o modo de produção das populações.

Os CAIs, adotam um modelo de produção capitalista (pleno de capital, tecnologia e produtividade), cujo custo ambiental e do trabalho não são computados, realizam intensa produção que, em na sua maioria, encontra-se voltada para o mercado externo. A matéria-prima é fornecida pelo pequeno produtor aos grandes complexos através de acordos firmados entre as partes. Obviamente, a maior lucratividade ocorre para os complexos que agregam valor ao produto e não para o pequeno produtor, fornecedor da matéria-prima, proprietário da terra, consumidor dos recursos solo e água e de sua força de trabalho humano.

Não são apenas os pequenos produtores que se tornam dependentes destes complexos, mas, também, toda a economia local. Igualmente, a ação dos complexos acaba transformando a dinâmica sócio-espacial e a presença de formas econômicas diversas nas localidades ao inserirem novos elementos no espaço de vida difundindo suas “novas” funções, que alteram os valores antes estabelecidos.

Assim, o objetivo central do estudo apresentado, trata das relações, interações e desenvolvimento das dinâmicas espaciais de pequenos municípios como Três Passos e a ação dos complexos agroindustriais. O Município em estudo possui 23.973 habitantes e está localizado na porção noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Figura 1).

Figura 1 - Localização do município de Três Passos.
Fonte: Organização Hilda Miriam Arruda

1 METODOLOGIA

No intuito de melhor atingir os objetivos traçados e para que o estudo fosse realizado, optou-se pela utilização de uma metodologia sistêmica de modo a alcançar o maior número possível de relações, elementos e subsistemas investigados e, assim, compreender a influência das dinâmicas do sistema produtivo, CAIs, no sistema social, econômico e político da espacialidade municipal.

Através da abordagem selecionada se procurou apresentar a temática proposta segundo os princípios da Teoria Geral dos Sistemas. Isto se fez possível ao entender que o estudo deve abranger o meio geográfico formado por elementos em relações e que estabelecem interações simples e complexas tornando o sistema dinâmico e interativo.

Para Vidal (2008, p. 98) a abordagem sistêmica na análise dos fenômenos geográficos "torna-se fundamental, ao permitir que se estabeleçam relações, conectividades e se alcance o objeto em sua essência, complexidade, interações ou simplesmente ligações possíveis de serem estabelecidas de forma tridimensional". Do mesmo modo, "aplicação da Teoria dos Sistemas aos estudos geográficos", para Christofoletti (1978, p.1), "tem servido para melhorar focalizar as pesquisas e para delinear com maior exatidão o setor de estudo desta ciência bem como proporcionar reconsiderações críticas de muitos de seus conceitos".

O autor entende que se utilizando da teoria sistêmica nos estudos geográficos é possível tramitar de "um subsistema a outro, completando o conhecimento por meio das estruturas, processos, funções e formas apresentadas por ele". Assim cada sistema em si compreenderia "um conjunto de elementos e de ligações (relações) entre os elementos e o seu conjunto a que está ligado e entre os demais conjuntos".

No presente estudo compreende-se a presença de um sistema complexo aberto e interativo, constituído por subsistemas que interagem entre si, sendo eles: histórico, político, ambiental, tecnológico, econômico, cultural e social. Estes subsistemas relacionam-se e interagem entre si, formando um sistema complexo, e sua compreensão é fundamental dos fenômenos estudados e na busca entendimento da realidade investigada.

2 COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS: ORIGEM, EVOLUÇÃO E INTERFERÊNCIAS SOCIOESPACIAIS

As relações entre campo/cidade e agricultura/indústria se intensificaram a partir das décadas de 1960 e 1970, quando um setor passou a depender mais do outro e a produção industrial e agrícola se voltaram ao atendimento do suprimento da demanda. A orientação do parque industrial brasileiro e o atendimento e viabilização do processo de modernização da produção agropecuária nacional colaboraram para a distensão do mercado consumidor urbano e para a expansão na participação brasileira no mercado externo, estabelecendo relações, antes distanciadas, entre os setores da produção agropecuária e industrial, Miorin (1982).

Neste contexto, Müller (1989, p. 34) coloca que junto “com a integração da indústria e da agricultura, no período de 1960-80”, nascem “empresas e grupos econômicos que influenciam poderosamente a dinâmica das atividades agrárias, com profundas repercussões em suas estruturas”. Com isso “na própria agricultura surgem empresas e grupos econômicos, os quais com suas congêneres industriais fazem parte do poder econômico com interesses nas atividades agrárias”.

Segundo Müller (1989), o desenvolvimento dos complexos agroindustriais se constituiu no produto da modernização da agricultura iniciada na década de 1960, que marcou o surgimento do novo padrão da agricultura brasileira. Estes seriam “um conjunto formado pela sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais”. Sob esta visão, enquadrar-se-iam múltiplas atividades desde a geração dos produtos, dos processos de beneficiamento e da transformação, assim como a produção de bens de capital e de insumos industriais para as atividades agrícolas. Muitos autores colocam igualmente armazenagem, transporte e distribuição dos produtos industriais e agrícolas, além do financiamento, da pesquisa e da tecnologia e assistência técnica. Estes distintos processos estariam ligados na forma de redes, por serem dinâmicos e estabelecerem fluxos de produção, capital e informação.

2.1 A produção agropecuária dos CAIs e a influência de seus fluxos na organização espacial

A agricultura envolvida pelos complexos agroindustriais assumiu caráter tecnológico compatível com o processo de modernização vigente na época que transformou o antigo sistema de produção denominado de tradicional e/ou arcaico em moderno, o qual se estabelecia pelo emprego da mecanização e do uso de insumos sem atribuir valor algum as antigas formas de produção tradicionais.

A interferência da modernização tecnológica provocada pela instalação de alguma ou de várias indústrias alteraram as dinâmicas locais através da interferência na produção agrícola, no trabalho rural e nas relações campo/cidade. O trabalho no meio rural foi diretamente envolvido pelas novas formas ditadas pelos CAIs e, conseqüentemente, pelo mercado urbano, ou seja, ao invés dos CAIs se adaptarem à realidade do local onde se instalava, eles redefiniam o local, adaptando-o ao seu modo.

A intensificação das relações entre as atividades na espacialidade rural e aquelas atividades que ocorrem nas espacialidades urbanas, como o comércio e os serviços reforçam a idéia de uma teia de relações, ou seja, uma rede de relações. Esta conceituação vai ainda além, no cotidiano do agricultor, pois ele, uma vez integrante de uma produção conjunta a algum CAI, passa a ter suas atividades diretamente ligadas as cadeias produtivas seja ela de qualquer ordem, horizontal ou vertical.

Sabe-se que a atuação dos fluxos sobre o espaço rural se intensificou a partir da segunda metade do século XX, em um contexto de mundialização da economia e de disseminação de inovações técnicas no setor agropecuário. As mudanças ocorridas no espaço rural estão ligadas às transformações ocorridas no modo de produção capitalista como um todo, ou seja, são determinadas por atores a nível mundial.

Através da intermediação de empresas, muitas vezes de influência em escala global, que mantém relações com o meio rural, desenvolve-se o processo de formação das redes neste. Assim, conforme Baréa (2008, p.44), este processo “geralmente inicia com a formação do comércio de produtos da agricultura de subsistência e, posteriormente, segue com a comercialização da produção agropecuária em nível local”. Ainda, “este processo, no tempo, pode se constituir em ator responsável pela formação do capital comercial e dinamizar as relações entre cidade e campo”.

Essas transformações e inovações sobre o espaço passam a ser vistas na sua complexa dinâmica. A cidade procura adaptar suas atividades de acordo com as demandas provindas do campo, o que pode ser reconhecido na analise de Baréa (op.cit.), concordante de que os processos de produção e de reprodução em distintas escalas produtivas respondem pelo grau de organização das espacialidades e pelas dinâmicas manifestadas no espaço geográfico.

O meio rural também foi tomado pelos avanços das tecnologias modernas e tanto seu produto quanto sua produção inseriram-se na perspectiva de cadeias cada vez mais tecnificadas. Não se estabeleceram de forma homogênea, mas foram se adaptando a cada espacialidade em particular, de acordo com as características de sua produção, permitindo a predominância de distintas formas de ocorrência. Neste contexto, os sistemas produtivos se desenvolvem de distintas maneiras, determinando formas distintas de organização nos espaços geográficos da produção.

2.2 Os fluxos a partir da compreensão das relações produtivas

Para a compreensão da dinâmica dos fluxos, deve-se reconhecer a infra-estrutura que permite o transporte de matéria, energia ou informação, “que se inscreve sobre um território, caracterizado pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação" (CURIEN, 1988, p, 212, apud SANTOS, 2008, p.262). Também não se podem ignorar as relações sociais e políticas que ligam as pessoas, mensagens e valores, potencializando locais mais que outros. Na verdade, os fluxos seriam abstrações, criadas e valorizadas pela ação humana que comanda a produção e estabelece as conexões tanto da produção como de sua circulação através de fluxos.

Gudiño (2008**,** p.4) apresenta redes e fluxos em uma perspectiva que pode ser compreendida na realidade produtiva agroindustrial, do ponto de vista da presença de fluxos de infra-estrutura devido ao crescimento das tecnologias vinculadas a produção e as necessidades de circulação dos produtos em direção aos centros de consumo. A circulação dos fluxos produtivos pode ser diferenciada a partir de seu caráter vertical ou horizontal, definindo o grau de rigidez nas relações estabelecidas entre os agentes.

No caso da produção suína, muito comum nos estados do Sul do Brasil, as grandes empresas unem-se a pequenos produtores rurais, sendo que estes fornecem a mão-de-obra, criando o que será matéria-prima para indústria, segundo as especificidades estabelecidas e nos prazos acordados. Enquanto são as indústrias que se responsabilizam pelo fornecimento de filhotes e rações, elas determinam as regras de processamento do produto final bem como da comercialização.

A verticalidade não se apresenta nas relações que envolvem os produtores, ainda que adotem processos técnicos avançados e obedeçam as exigências do sistema estabelecido pela indústria processadora. É a partir dela, ou seja, das relações que a indústria (CAIs) estabelece com os mercados, que se situa a verticalidade, pois a ocorrência desta só existe por envolver ampla e diversificada quantidade de produtos a circularem para amplos e distintos mercados localizados interna e externamente à fronteira nacional.

Em decorrência da troca mutua e interdependente entre as duas categorias (produtor rural e Agroindústria), a organização de uma espacialidade geográfica tende a ser alterada devido à interferência de agentes externos que se apresentam como representantes do sistema econômico e dos detentores do capital. Isto porque as atividades devem se adaptar a novos padrões onde a produção se desenvolva através de sistemas com diversidade de produção e de produtos.

3 INTERFERÊNCIAS SÓCIO-ESPACIAIS DOS CAIs NO MUNICÍPIO DE TRÊS PASSOS

A atividade ligada à criação de suínos em Três Passos iniciou-se de maneira rudimentar com os primeiros colonizadores alemães. Os primeiros chiqueiros destinavam-se a criação de um ou dois animais para o consumo da própria família produtora. Este criatório tradicional e rudimentar, ainda hoje pode ser encontrado em algumas propriedades que não aplicam tecnologia na produção.

Posteriormente, a suinocultura já começava a crescer lentamente e passava a ter seu excedente comercializado no mercado local. Em um primeiro momento, era utilizado em uma espécie de escambo, trocando a carne ou banha, por outros produtos que a propriedade não produzia. Já com o melhoramento das estradas e o

desenvolvimento do núcleo urbano, aquilo que não era consumido na propriedade, era vendido naquele.

Para maximizar tal produção, dá-se em 1951, a instalação do Frigorífico Três Passos Ltda., voltado para o abate de suínos. Em um primeiro momento destinava-se a suprir as demandas do mercado regional, no entanto, com o apoio da administração municipal e com o grande número de criadores de suínos, rapidamente a produção se intensificou conquistando uma parcela do mercado nacional, como São Paulo, no qual, segundo Graffitti (2004), logo surgiria uma filial da empresa.

Na década de 1970, com o aumento da produção não apenas de suínos, mas também de processamento de soja na empresa que visa a novos mercados, transformou o Frigorífico Três Passos Ltda. em Três Passos Companhia Industrial de Alimentos. Em 1985, incentivada a se instalar no município, devido à forte tradição da suinocultura e disposta a absorver toda matéria-prima disponível, a Três Passos Companhia Industrial de Alimentos foi adquirida pelo Grupo Sadia S. A..

A industrialização passou por processos de transformação, aumentando a sua produção. O criatório de suínos também conheceu intensas mudanças no meio rural do Município. A produção que, antes, era realizada de forma rústica em pequenas quantidades de animais adotou novas técnicas e aumentou seu plantel de acordo com as exigências do mercado e da presença das novas empresas instaladas. Hoje, as propriedades que trabalham com a suinocultura de corte (criatório) para a indústria, seja ela a Sadia ou outra empresa ou cooperativa, produz no mínimo, lotes de 300 animais, verdadeiras Unidades de Tratamento (UTs), variando conforme a capacidade de alojamento.

Nas Fotografias 1 e 2 a seguir, pode-se comparar os dois tipos de propriedades produtoras de suínos, sendo uma destinada ao consumo familiar sem aplicação de alta tecnologia (sistema tradicional) e a outra destinada grande produção comercial com aplicação de tecnologias (sistema moderno). Em ambas é possível verificar as diferentes técnicas e capital empregado, bem como a intensidade de produção.

A mão-de-obra, na maioria das propriedades, continua a ser familiar, principalmente nas unidades de terminação. Nas unidades destinadas à produção

de leitão[4], normalmente se trabalha com mão-de-obra mista (familiar e contratada ou assalariada), uma vez que nestas mantêm-se um número elevado de animais, pois o trabalho abrange desde as matrizes, gestação e maternidade, além do desmame e engorda de leitões.

Fotografia 1 – Chiqueiro tradicional.
Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Fotografia 2 – Chiqueiro moderno.
Fonte: Trabalho de campo, 2011.

Quanto a participação municipal no total do plantel da Sadia em um ano como o ano de 2009, alcançou aproximadamente 18%. Dos 612.984 suínos pertencentes ao plantel da empresa, 108.756 foram produzidos no município de estudo. Isto mostra a importância da participação da produção do município de Três Passos na produção da Empresa, bem como na dinâmica produtiva que vem se destacando no Município.

A intensiva produção gera conseqüências positivas e negativas para o Município, de acordo com toda e qualquer atividade econômica desenvolvida. Desta forma, a seguir são apresentadas as influências que os CAIs exercem sobre a organização socioeconômica e política local.

3.1 Os subsistemas sócio-cultural e tecnológico

Graziano da Silva (1999, p.22) define que a força de trabalho como em qualquer outra mercadoria, tem seu valor determinado “pelo tempo de trabalho necessário à sua produção e reprodução, isto é, pelo tempo necessário à produção

[4] Leitão é considerado o suíno até completar 60 a 70 dias de vida.

dos meios de subsistência que vão garantir a existência dos trabalhadores". Continuando, "o valor da força equivale ao valor dos meios de subsistência necessários, inclusive do ponto de vista moral e histórico, para manter o nível de vida normal dos trabalhadores e garantir a sua procriação". No entanto, reconhece-se que não é exatamente isto que ocorre com os produtores ligados a suinocultura.

Não são estes quem estabelece o valor da sua força de trabalho. Também não são estes que estabelecem o valor da força de trabalho embutido no valor do produto final, ou seja, é a empresa quem estabelece o valor do produto e conseqüentemente, embutido neste, o valor do trabalho. Ou seja, o produto final se sobrepõe ao trabalho realizado para sua finalidade.

A investigação revelou que os lotes de aproximadamente 350 suínos, ocupa a mão-de-obra de um trabalhador em tempo integral, trabalho que na grande maioria das propriedades é realizado por um membro da família. Este tempo é preenchido com atividades que vão da alimentação dos suínos, limpeza dos chiqueiros, manutenção da infra-estrutura, monitoramento da temperatura e mesmo dos animais.

Muitas vezes os outros membros da família revezam-se entre as atividades da propriedade rural e atividades assalariadas fora da propriedade como forma de aumentar a renda familiar. As atividades *intra porteira* (dentro da propriedade), na maioria das vezes, são voltadas para a subsistência familiar e em outras vezes para a comercialização do excedente no mercado local. A criação de bovinos destinados a produção leiteira para cooperativas e, em alguns casos de ocorrência de propriedades maiores, na produção de cereais como a soja e o trigo.

Em outros casos, quando a propriedade se apresenta demasiadamente pequena ou mesmo inviável a outras explorações econômicas além da suinocultura, alguns de seus membros passam a realizarem trabalho acessório, temporário ou permanente, fora da propriedade obtendo renda adicional, complementando a renda familiar. Também pode acontecer de virem a exercer atividade remunerada no setor urbano (cidade).

As atividades secundárias nem sempre são permanentes, uma vez que as atividades rurais combinam longas jornadas de trabalho com sub-ocupação. Graziano da Silva (1999, p.112) definiu estas formas de ocupação como "clara correlação entre o grau de modernização da agricultura e extensão da jornada de trabalho na produção familiar". É justamente esta sub-ocupação de alguns membros

da família que faz com que a mão-de-obra excedente se desloque para outras atividades, enquanto aqueles que permanecem trabalhando na propriedade e na atividade suinocultora são sobrecarregados de trabalho.

Outro ponto crítico que leva a procura de trabalho fora da propriedade direciona-se a baixa renda alcançada pelas atividades rurais das pequenas propriedades do município de Três Passos. Apesar do valor arrecadado pela suinocultura ser expressivo dentro do contexto econômico destas famílias, o capital reinvestido na atividade também se apresenta como elevado, fazendo com que a renda final seja pouco expressiva. Em contrapartida, as demais atividades realizadas na propriedade, muitas vezes, são insuficientes para a manutenção e reprodução familiar.

No entanto, mesmo com as dificuldades existentes na propriedade, de uma forma ou de outra, sabe-se que a suinocultura possibilitou a ocorrência de uma renda fixa para os produtores rurais. Embora não seja mensal, a cada lote entregue à agroindústria o pagamento pelo produto é realizado, em um período aproximado de 4,5 em 4,5 meses. Deste modo ao se inserir como fornecedor de matéria-prima para a indústria, o produtor tem, ao menos e em parte, renda para que sua subsistência e reprodução sejam asseguradas.

Em termos de trabalho, percebe-se que além de se especializar na suinocultura o produtor também está sob influência de uma redistribuição em escala de trabalho. É o caso das unidades de terminação (Uts) e unidades produtoras de leitão (UPL), onde cada uma exerce uma função distinta dentro do sistema produtivo.

Muitas vezes o produtor de leitão não sabe para onde seus animais são destinados para concluir o ciclo de engorda, assim como os criadores das unidades de terminação não sabem a origem dos animais que recebem. Assim, o produtor não tem vínculo nenhum com a produção a não ser as responsabilidades específicas dentro da sua unidade produtiva. Do mesmo modo, os procedimentos técnicos adotados também foram completamente alterados ao se inserir neste sistema produtivo. Anteriormente as técnicas eram mais rústicas e optativas, agora a padronização não somente é inevitável como também obrigatória.

Nas fotografias 1 e 2, anteriormente apresentadas observam-se as diferentes realidades técnicas, produtivas, condições sanitárias e mesmo especificações dos animais: de um lado aqueles criados em chiqueiros comuns destinados a um

consumo próprio e/ou mercado paralelo; de outro lado os produtores integrados a suinocultura altamente comercializada, ligados a indústria e a produção em escala comercial.

Enfim para que todas estas padronizações e exigências sejam realizadas, o produtor arca com custos bastante altos, isto porque na sua grande maioria não há auxilio por parte da empresa “parceira”. E isto tudo se torna inviável para alguns produtores se não puderem contar com apoio financeiro de créditos rurais ou empréstimos bancários, entra em uma situação de risco ingressando em um círculo vicioso de dívidas por créditos e financiamentos.

Destaca-se a importância da participação e da interferência dos outros atores ligados a todo este sistema produtivo, a empresa e o poder público.

3.2 Os subsistemas político e econômico

Como em outras grandes empresas, as relações estabelecidas entre a Empresa Sadia S.A. e os produtores desenvolvem-se com características de verticalidade através de decisões em que todas as etapas. Seja em termos produtivos, políticos ou de logística, elas são tomadas pela empresa, restando aos produtores integrados a ela cumpri-las.

É compreendendo a realidade que a administração pública de um pequeno município, como Três Passos, passa a realizar investimentos relativamente altos apoiando a produção suína e o processamento industrial. Isto porque estas atividades trazem rendimentos significativos para o Município ao gerarem emprego, arrecadação de tributos e circulação de capital.

Para incentivar a produção suína e dar melhores condições aos pequenos agricultores de se inserirem e/ou se manterem na cadeia produtiva, a Prefeitura Municipal vem, ao longo dos últimos anos, oferecendo ajuda financeira em forma de auxílio ao custeio da produção. Pode-se reconhecer que a Administração municipal realiza investimentos e intervenções reconhecendo a importância da suinocultura e do seu processamento na unidade da Sadia S.A. para a manutenção das receitas do Município do desenvolvimento local.

Em levantamento realizado no ano de 2009, pela SIPS[5], disponível em cartazes junto a Secretaria de Agricultura de Três Passos, o município aparece como sendo o 3º maior produtor de suínos do Estado, com um abate estimado em 115 463 animais, totalizando uma participação de 2,49% da produção total do Rio Grande do Sul. Neste *ranking* fica atrás somente dos municípios de Nova Candelária e Capitão, respectivamente com produções de 155.097 e 117.075 suínos abatidos e participação de 3,34% e 2,54%.

Em termos estaduais a importância da produção suína três-passense se manifesta significativa, à realidade Municipal. Isto porque sendo de pequeno porte e com a economia calcada basicamente na agropecuária, qualquer alteração positiva ou negativa no setor primário é sentido em todos os demais segmentos.

Em torno de 4.000 pessoas estão ligadas direta e indiretamente a estas atividades do Município. Nelas se incluem os trabalhadores diretos das propriedades produtoras de suínos e ou funcionários da indústria processadora, e trabalhadores indiretos como caminhoneiros responsáveis pelo transporte, seja da carga viva ou posteriormente ao processamento; comerciários ligados a ramos da agropecuária, veterinário, construção civil e outros.

Salienta-se a expressividade deste número se comparados aos 23.973 habitantes do Município, ou seja, representa aproximadamente 16,68% da população. Neste cálculo não se considera o comércio e os serviços movimentados a partir do capital gerado com as atividades ligadas a todo este processo.

3.3 O subsistema sócio-ambiental

Aproveitando-se das discussões acerca da preservação do meio ambiente e a sustentabilidade muitas empresas passam a investir na chamada “produção verde”. Utilizando um discurso em prol destas como meio de promover seus produtos e gerar um *marketing* positivo à sua imagem.

Contudo, esta pressão do público consumidor acaba forçando as empresas a darem atenção às questões ambientais ligada a todo o processo produtivo. Em Três Passos não é diferente, uma série de normas foram estabelecida de modo a

[5] Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado do Rio Grande do Sul.

minimizar os impactos da suinocultura, em todas as suas etapas com relação ao meio-ambiente.

Até alguns anos atrás, eram comuns problemas ambientais ocasionados pela eliminação dos desejos produzidos pelos suínos. Hoje, há normas estabelecidas para a construção de estrumeiras e sua manutenção de modo a minimizar riscos de vazamentos e/ou rompimento. Atualmente, os dejetos são aproveitados em lavouras e pastagens como adubo natural, sendo que algumas propriedades contam ainda com biodigestores instalados sobre as estrumeiras, com o intuito original de captar o gás metano para futura utilização.

Outra questão ambiental a ser discutida está ligada diretamente com a saúde pública. Desde a instalação da indústria processadora de suínos no município um problema é permanente, o forte odor exalado pela queima dos restos dos animais abatidos, que pode ser sentido em toda a área urbana da cidade, causando mal-estar e incomodo à população.

Problemas como este passam despercebidos por não estarem tão visíveis aos olhos da população, ou por desconhecimento sobre o risco que ocorre por conta de contaminações com resíduos industriais. Os órgãos públicos, por sua vez, ignoram problemas desta ordem argumentando a favor da necessidade de manter a indústria funcionando, pelo fato dela gerar empregos e possibilitar rendimento financeiros ao Município.

CONSIDERAÇOES FINAIS

Com o desenvolvimento do estudo pode-se conhecer e compreender a interferências que o capital, na forma dos complexos agroindustriais, exerce sobre a organização das espacialidades. Sendo que se procurou dar atenção especial à suinocultura e a interferência desta na organização espacial do município de Três Passos.

Esta atividade é uma das mais importantes para a manutenção da vida econômica municipal por gerar renda e empregos. No entanto para seu desenvolvimento necessitou adaptar o produtor rural e o poder público de modo a garantir sua eficiência produtiva e lucratividade.

Entende-se que diversos elementos constituintes desta espacialidade são conseqüências desta interferência positiva e negativa. Em termos produtivos as

técnicas foram modificadas para suprir a demanda e as exigências da indústria processadora e do mercado consumidor. Tais modificações promoveram alterações nas relações do produtor com a produção, reduziram sua função a uma única etapa do processo de produção. O que outrora era realizado inteiramente por um único produtor como parte integrante de sua formação cultural, agora se dissocia isto e as relações de trabalho tornam-se mais complexas e especializadas.

O meio-ambiente passou a ser aliado ao *marketing* da empresa através do discurso da sustentabilidade e torna-se uma preocupação constante dentro das etapas produtivas ligadas a criação do suíno. Assim, aplicam-se cada vez mais tecnologias e recursos de modo a diminuir os impactos negativos sobre o meio-ambiente.

Enfim, percebe-se que os subsistemas econômicos, político, social, cultural, ambiental e tecnológico do pequeno Município são afetados, em nome da produção acelerada e da necessidade voraz do capital. Com isto compreende-se que as relações dentro da produção rural e do campo com a cidade tornam-se cada vez mais complexas, atingindo todos os elementos circundantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARÉA, Neiva Marli Martins dos Santos. **Redes de produção e Dinâmica na organização das Espacialidades**. 2008. 136f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

CHRISTOFOLETTI, A. **Aspectos da Análise Sistêmica em Geografia**. Geografia. Rio Claro/SP. Out, 1978.

GRAFFITTI, Luis Gustavo. **Três Passos:** colonização e imigração. Ijuí: 2004.

GRAZIANO DA SILVA, José. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

GUDIÑO, María Elina. Geografía de las redes: impacto en la reconfiguración escalar del territorio latinoamericano. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. Rio de Janeiro: 2008. p.1-23.

MIORIN, Vera Maria Favila. **Características da modernização da agricultura no centro noroeste do Rio Grande do Sul**.1982. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 1982

MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. São Paulo: Hucitec, 1989.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

VIDAL, Lisane Regina. **Dinâmica das espacialidades rurais em territórios coloniais.** 2008, 198 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria**,** Santa Maria, 2008.